



DR ANNE LAURE LECHAT

Adriana Ferreira apresenta novo CD De Vivaldi a Jolivet, um estilo em cada peça

Gravado em 2015, o terceiro disco de Adriana Ferreira resulta do Prémio Breguet que a flautista ganhou no Concurso Internacional de Genebra, onde obteve o 2º Prémio ex-aequo (o Primeiro Prémio não foi atribuído). Sob a chancela da editora suíça Claves, o CD conta com obras de Nielsen, Vivaldi, Schubert, Fuminori Tanada e André Jolivet e tem a participação da Orquestra de Câmara de Genebra, sob a direção de Lucas Macías Navarro, bem como do pianista Lorenzo Souless (1º Prémio do Concurso de Genebra em 2012).

"Foi muito difícil escolher o programa do CD, queria que fosse o mais variado possível. O Concerto de Vivaldi para Flautim é a minha obra preferida. Por outro lado, em 2015 celebrou-se o 150º aniversário do nascimento de Carl Nielsen, cujo concerto para flauta já toquei várias vezes, mas pela primeira vez precisamente na final do Concurso Nielsen, por isso não quis perder a oportunidade de gravar este concerto. Schubert (Variações de *Trockne Blumen* de Schubert, para Flauta e Piano) também... No fundo, todas essas peças são as minhas preferidas dentro de cada estilo, ou seja, são também as peças que me representam melhor, com as quais me identifico mais", explica. Podemos ainda ouvir *F para Flauta Solo* de Fuminori Tanada e *Chant de Linos* de André Jolivet. Os dois mil exemplares já estão a circular e as expectativas são elevadas. Pela sua diversidade de repertório, é um disco raro, difícil e caro de gravar pelas editoras que costumam recusar este tipo de projeto: "a cada dia, a cada peça havia uma disposição diferente, com uma nova distribuição de microfones". O resultado final acaba por compensar: "Gosto muito do som, estou muito contente com o CD mas é sempre complicado ouvir-me a mim mesma".

"não se compra um CD para ouvir a obra mas para ouvir um intérprete"

Infelizmente, "o mercado do disco está decadente", mas não obstante, gravar continua a ser fundamental para um músico: "Um CD é como um cartão de visita, não se compra o CD para ouvir a obra mas para ouvir um intérprete". "Gosto de gravar mas é das coisas mais difíceis de tudo o que fiz até hoje. Ao vivo, há coisas que passam despercebidas mas em gravação a mínima coisa é audível. É um trabalho muito perfeccionista", sublinha. O objetivo é conseguir o equilíbrio técnico e musical já que os cortes ao favorecer a técnica podem prejudicar a musicalidade. Por agora, espera que o público goste e que venham mais discos.

"Espero encontrar em Roterdão repertório mais variado para crescer musicalmente"

Solista da Orquestra Nacional de França desde 2012, Adriana Ferreira começou em fevereiro deste ano uma nova aventura como chefe de naipe (Flauta Solo) na Orquestra Filarmónica de Roterdão, na Holanda.

"Na orquestra aprende-se muito, o repertório é muito variado, mudando a cada semana. Gostava de tocar repertório mais germânico porque em Paris tocamos mais música francesa. Estou muito contente com essa experiência porque realmente eles são muito fortes em música francesa, espero encontrar em Roterdão repertório mais variado para crescer musicalmente", afirma.

Se conseguir passar o ano de prova em Roterdão, Adriana deixa definitivamente a Orquestra Nacional de França? "Ainda é muito cedo para tomar esta decisão, ainda me restam doze meses para pensar!..."

Quer também continuar a fazer música de câmara, recitais, concertos: "Gosto de ter projetos fora da orquestra e felizmente têm-me aparecido vários. Espero poder continuar neste andamento!..."

Confessa que seria mais completa na música se pudesse "fazer um pouco de tudo".

"a música envolve partilha, generosidade, beleza... E, nem sempre são estes os aspectos mais transcendentes num concurso"

Para Adriana, o Concurso de Genebra será recordado "pelas vivências e pelos prémios". Porém, valoriza cada vez mais "a música por si só, independentemente de eventos deste género, que pressupõem uma valorização do indivíduo em alta competição. Ora, a música envolve partilha, generosidade, beleza... E, nem sempre são estes os aspectos mais transcendentes num concurso".

O concurso de Genebra é um dos maiores e mais prestigiados concursos do Mundo, em 69 edições de diferentes instrumentos muitos são os laureados de renome internacional como Martha Argerich, Arturo Benedetti-Michelangeli, Victoria De Los Angeles, Alan Gilbert, Nelson Goerner, Friedrich Gulda, Heinz Holliger, Nobuko Imai, Quatuor Melos, Emmanuel Pahud, Maurizio Pollini, Georg Solti, José Van Dam, Christian Zacharias, Tabea Zimmermann, entre outros.

A jovem flautista, ainda com 25 anos, também é vencedora e premiada noutros concursos de grande prestígio como o Carl Nielsen International Competition (Dinamarca) o Kobe International Competition (Japão) e recentemente o Concurso Flautístico Internazionale "Severino Gazzelloni" (Itália).

"o mais difícil é aliar a preparação das várias provas tendo em conta o cansaço e a concentração"

Importante foi também o apoio dos pais (presentes na final) e dos colegas portugueses, estudantes e residentes em Genebra: "não conseguirei agradecer-lhes o suficiente por todo o apoio!"

Foi uma competição exigente, tanto física como psicologicamente, tendo em conta que durou quase três semanas. "Trata-se de adquirir uma resistência física, embora nos últimos dias o cansaço seja realmente evidente e difícil de combater. Mentalmente, gerir a atenção/concentração e o stress é algo que se trabalha ao longo da vida de músico e não só durante um concurso. No entanto, nestes momentos, o mais difícil creio eu, é aliar a preparação das várias provas tendo em conta o cansaço e a concentração - esta não é infinita e o cansaço deve ser o mínimo possível, pelo que é necessário estudar profundamente durante períodos de tempo não muito longos", explica.

"Devo dizer que são situações como esta que fazem valer a pena árduos anos de estudo!..."

A final com orquestra apesar de ser semelhante a um concerto regular, é bastante diferente: "Além do cansaço, até os ensaios com orquestra são diferentes - a orquestra interioriza três versões diferentes das mesmas obras, tocando-as seguidas no mesmo concerto. Ora, isto requer uma ainda maior precisão, bem como uma adapta-

DR ANNE LAURE LECHAT

publicidade



CORTÁRVORE

Comércio de Madeiras, Lda.

CONTACTO:
253 843 453
BARCELOS



consulte-nos em:

www.lojamadeus.pt


amadeus
instrumentos musicais

ção mais rápida tanto da minha parte como da orquestra. Digamos que, para o maestro, a final constitui uma coleção de post-its que vão sendo colados e descolados das partituras, tendo em conta os apontamentos dos vários finalistas". Contudo, independentemente do contexto, o concerto final foi um momento muito especial: "Devo dizer que são situações como esta que fazem valer a pena árduos anos de estudo!..."

"o que mais me fascina é a constante procura do som, em nada concreto, etéreo, sempre inacabado..."

O que te fez apaixonar pela flauta?

Na realidade, comecei a estudar flauta transversal por acaso! Aos seis anos comecei por ter aulas particulares de música com o professor Paulo Almeida, na minha localidade, Cabeceiras de Basto. Mais tarde, pedi aos meus pais para me inscreverem na Banda de Música e, aos oito anos, integrei na Banda Cabeceirense. Como naquela altura a Banda precisava de um flautista, decidiram atribuir-me o lugar, mas, como eu ainda era muito pequenina, acabaram por comprar-me um flautim. Além disso, não havia nenhum professor de flauta na Banda, por isso tive aulas com dois clarinetistas: José Machado, o então maestro da Banda e, Hélder Gonçalves, na altura estudante na Escola Superior de Música de Lisboa.

Dois anos mais tarde, depois de completar dez anos de idade, os meus pais compraram-me uma flauta e, aos doze anos, prestei provas na Escola Profissional Artística do Vale do Ave – Artave, onde fui admitida, na classe da professora Joaquina Mota. Foi assim que comecei esta bela aventura musical! Durante os meus estudos na Artave integrei também a classe de violino do professor Duarte Faria no CCM – Centro de Cultura Musical, onde concluí o 5º grau. No entanto, devo confessar que me sinto extremamente afortunada por me terem dado uma flauta transversal para as mãos em tão tenra idade: embora a música seja a mensagem, a essência, não posso deixar de dizer que sou realmente uma apaixonada do meu instrumento! Sem qualquer dúvida, o que mais me fascina é a constante procura do som, em nada concreto, etéreo, sempre inacabado...

"todos os músicos me aconselharam a procurar uma escola de alto nível de ensino no estrangeiro"

Quais os momentos decisivos na tua formação?

Aos quatorze anos, quando integrei a Escola de Verão da Orquestra de Jovens da União Europeia, conheci um grande número de jovens músicos de toda a Europa e toquei pela primeira vez numa grande orquestra sinfónica, sob a direção de um grande maestro, Bernard Haitink. Devo dizer que esse encontro foi extremamente marcante, pois todos os músicos me aconselharam a procurar uma escola de alto nível de ensino no estrangeiro e, mais importante do que isso, despertou em mim uma imensa vontade de aprender e progredir. Ainda durante os meus estudos em Portugal, aperfeiçoei-me junto das professoras Ana Maria Ribeiro e Sophie Perrier. No entanto, dois masterclasses foram decisivos, um com Vicens Prats e outro com Michel Debost, solista e ex-solista da Orquestra de Paris, respetivamente. Ambos me aconselharam (muito!) vivamente continuar os meus estudos em Paris, pelo que prestei provas e fui então admitida no Conservatório Nacional Superior em 2008.

No entanto, creio que fui sempre bem acompanhada e aconselhada pelos meus professores e pelos músicos com os quais me cruzei durante o meu percurso académico e artístico. Assim sendo, os meus principais guias foram sem dúvida os meus professores de flauta – Joaquina Mota, Sophie Cherrier e Benoît Fromanger; sem esquecer o compositor Joaquim dos Santos e o clarinetista Michel Lethiec.

"os momentos mais marcantes para mim foram passados em palco, não se resumem em papel"

Es os momentos mais marcantes?

É difícil dizê-lo pois todos foram importantes na altura em que decorram!... Eu destacaria a minha admissão no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, o Concurso Carl Nielsen, a minha admissão na Orquestra Nacional de França, o Concurso de Genève e agora a minha admissão na Orquestra Filarmónica de Rotterdam.

No entanto, de uma forma muito pessoal, eu diria que os momentos mais marcantes para mim não foram necessariamente estes, mas aqueles passados em palco e que não se resumem em papel: o *Prélude à l'après-midi d'un faune* de Debussy, *Daphnis et Chloé* de Ravel, as Sinfonias de Brahms ou a 4ª Sinfonia de Bruckner em Orquestra; a *Sonata* de Debussy com violeta e harpa no Concurso de Genève; o *Concerto* de Ibert numa masterclass com Vicens Prats em Oviedo há dez (!) anos; a *Sonata* de Prokofiev com piano no Concurso Carl Nielsen; a *Sonata* de Poulenc com piano em imensas ocasiões; o momento em que o maestro Yannick Nézet-Seguín anunciou o meu nome como a nova flautista principal da Orquestra Filarmónica de Rotterdam... Felizmente, são muitos esses momentos e guardo-os todos com muita gratidão.

Como organizas a tua vida, os teus tempos livres, a tua preparação técnica, os ensaios, as viagens?

Para mim tem sido cada vez mais complicado gerir a minha agenda, mas creio que é por uma boa causa, espero que assim seja sempre! Dou sempre prioridade à Orquestra e a partir daí tento encaminhar todas as atividades que me propõem (recitais, concertos...) para as semanas em que estou de folga. No resto do tempo - que não é muito - tento descansar, aproveitar algum tempo livre; mas também estudo e preparo os concertos seguintes. É uma descoberta a cada dia!

"embora a qualidade musical seja crescente em Portugal, o mercado de trabalho é realmente muito reduzido e, muitas vezes, não reúne as melhores condições"

Que soluções sugeres para os problemas que afetam a música portuguesa?

Em primeiro lugar, creio que seria necessário mudar a mentalidade, de uma forma geral. Nem só no estrangeiro há excelentes músicos como nem só em Portugal há jovens talentos... Creio que há uma necessidade de educar, apreciar e avaliar de uma forma muito mais imparcial. Por outro lado, embora a qualidade musical seja crescente em Portugal, o mercado de trabalho é realmente muito reduzido e, muitas vezes, não reúne as melhores condições. Formamos cada vez mais músicos, músicos esses que posteriormente se dedicam ao ensino de uma forma pressionada e ingrata, não podendo exprimir da melhor forma a sua arte. Sugerir soluções neste campo seria indicar os passos de uma revolução, infelizmente, pois a realidade é deveras inquietante... No entanto, acredito que devemos continuar a incentivar os jovens, pois cada vez mais há provas dadas de que é realmente possível singrar nesta profissão. Mas é necessária muita persistência!

Se tivesses a oportunidade de integrar um projeto, o que farias?

Desde que fui estudar para França tenho observado com muita admiração a quantidade e qualidade dos festivais de música de câmara que ali se realizam, bem como noutros países da Europa. Tenho tido a felicidade de participar em vários, maioritariamente no Verão, pelo que devo confessar que há anos que tenho o sonho de criar um pequeno festival de música de câmara, onde possa reunir os muitos músicos que conheço e com os quais tenho tocado. Tratar-se-ia de reunir ótimos músicos, excelentes pessoas também e fazer muita e boa música. Não sei se algum dia terei força, coragem, tempo, oportunidade ou condições para fazê-lo, mas não consigo pensar noutro projeto que para mim fosse tão aliciante!



DR. JOSÉ ACOSTINHO SILVA



DR. JOSÉ ACOSTINHO SILVA